

ETNOGRAFIA: algumas notas motivadoras para ao aprofundamento da temática

Luiz Carlos dos Santos

Em texto anterior, foram descortinados alguns aspectos da abordagem qualitativa da pesquisa em ciências humanas e sociais. Na oportunidade, foi abordada a conceituação, diferença entre investigação sob a ótica quantitativa e pesquisa de ordem qualitativa; foram listados expoentes, na contemporaneidade, que pesquisam sobre abordagens qualitativas e suas diversas modalidades. Hoje, inicia-se uma série de pequenos textos provocativos, objetivando verticalizar no seio da academia, principalmente estudantes da graduação, especialização, até mesmos os mestrandos de cursos das áreas referenciadas.

De forma sintética, etnografia é uma forma de abordagem em pesquisa de ordem qualitativa, nas ciências humanas e sociais, em que aproxima o olhar do pesquisador para mais perto do objeto investigado - baseia-se em experiência pessoal e em participação, buscando o naturalismo, compreensão, descoberta, dentre outros fatores.

Uma investigação de natureza etnográfica deve comportar funções que envolvam: o comportamento das pessoas no seu contexto habitual e não em condições artificiais criadas pelo investigador; os dados devem ser captados através de fontes diversas, sendo a observação e a conversação informal as mais importantes; o recolhimento de dados é estruturado, no sentido em que não decorra da execução de um plano detalhado e anterior ao seu início, nem são pré-estabelecidas as categorias que serão posteriormente usadas para interpretar o comportamento das pessoas (o que não significa que a investigação seja assistemática, mas apenas que os dados sejam recolhidos em bruto, segundo critério tão inclusivo quanto possível); o foco do estudo é um grupo não muito grande de pessoas, mas, na pesquisa de uma história de vida, o foco pode ser uma única pessoa; a análise dos dados envolve interpretação de significados e de função de ações humanas e assume uma forma descritiva e interpretativa, tendo a (pouca) qualificação e análise estatística, um papel meramente acessório.

O termo etnografia, significando a descrição de um grupo social, deriva etimologicamente do grego, de *graphein* - descrever e *ethnos* - estrangeiro, bárbaro, sendo depois utilizado para descrever um grupo cultural, como assevera Chizzotti (2006). Iniciou-se o uso da abordagem com pesquisas na área de antropologia, descrevendo-se os modos de vida da humanidade, introduzida, pois, como um modo de descrição social científica de uma pessoa ou da configuração cultural de uma população. Entretanto, sua utilização foi-se ampliando, passando o seu uso para descrever a cultura de grupos primitivos específicos com

a finalidade de reconstruir cenários ou grupos culturais intactos. Atualmente, vem sendo utilizada em grande escala, para descrever pequenas comunidades humanas, recriando para o leitor as crenças, artefatos, os conhecimentos populares e os comportamentos de algum grupo, enfim, na descrição da cultura de grupos inseridos na dinâmica dos processos sociais, comunidades e, por extensão, dos processos sociais da sociedade, em geral.

Ressalte-se que a adoção crescente de etnografia em diferentes matérias científicas, a exemplo da sociologia, educação, psicologia, dentre outras e a sua utilização em diferentes áreas de pesquisa, como planificação, avaliação de políticas sociais, direitos humanos, organização empresarial, estudos culturais, estudos feministas, enfermagem etc. têm assumido o pressuposto fundamental da etnografia - a interação direta com as pessoas na sua vida cotidiana, podendo auxiliar a compreender melhor suas concepções, práticas, motivações, comportamentos e procedimentos, e os significados que atribuem a essas práticas. Frise-se, que a inscrição em um texto compreensivo pode assumir modos, estilos e linguagens consentâneos com os objetivos da etnografia e com o público a quem se destina.

Ao longo da história, registra-se um rol de estudiosos subsidiando a matéria em foco, tais como: Malinowski (1922); Whyte (1955); Becker, Geer, Hughes e Strauss (1961); Cicourel e Kituse (1963); Young (1971); Karabel e Halsey (1978); Spindler (1970); Spindler e Spindler (1987); Cole e Scribner (1974); Garcia (2001); Altheide e Johnson (1964); Clifford e Marcus (1986); Tyler (1987); Tedlok (2000); Quantz (1992); Carspecken (1996); Kincheloe e McLaren (2000); Wilson (1997); Ezpeleta e Rockwel (1989); Bodgan e Birklen (1994); Beau e Weber (1998); Goetz e Lecompte (1984); Wolcott (1982); Marcus e Fisher (1986); Chizzotti (2006) etc. Vale salientar que alguns autores ou grupos de autores venham a divergir sobre a abordagem; porém, o somatório é positivo para o avanço dessa modalidade qualitativa.

Depreende-se do ligeiro estudo, que a etnografia caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos, para fazer um registro detalhado de fenômenos singulares, a fim de recriar as crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados e as ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo em estudo. Quanto ao pesquisador, sua atuação é de permanecer em campo envolvido, durante um período durável, na vida cotidiana dos membros de uma comunidade ou grupos homogêneos, geograficamente determinados, partilhando de suas práticas, hábitos, rituais e concepções, sem pré-julgamentos ou preconceitos pessoais, objetivando compreender a cultura dos grupos. Em relação à coleta de dados, a etnografia utiliza uma variedade de estratégias e diversidade de técnicas, a partir de observações

participantes e contextualizações, bem assim de anotações feitas em campo, com o fito de fazer uma descrição interpretativa do modo de vida, da cultura e da estrutura social do grupo pesquisado.

Conclui-se, portanto, que a etnografia reúne outras abordagens qualitativas e algumas quantitativas, tais como: observação participante; entrevista; história de vida; autobiografias; práticas interacionistas de coleta de dados e quaisquer outros meios de coligir informações sugeridas pelo trabalho de campo, gerados por observações atentas, além do uso de lápis e papel, gravadores, filmadoras, laptops, computadores, banco de dados, visando registrar, coligir e sistematizar informações documentais. Assim, constitui-se uma valiosa ferramenta de pesquisa, porque procura interpretação válida e legítima por parte do pesquisador que procura dar inteligibilidade e validar o processo, a forma de saber e a representação que os sujeitos pesquisados manifestam. Em suma, reitera-se que o estudo não esgota a matéria tão ampla que é; além de não ser este o propósito. Cabe aos interessados a busca das especificidades que a etnografia enseja, por meio de livros, monografias, dissertações, teses, artigos de revistas, anais de eventos técnico-científicos e outros periódicos, pois essas fontes são mais completas e representam o cabedal cultural para os iniciantes e pesquisadores.



LUIZ CARLOS DOS SANTOS
www.lcsantos.pro.br